

O CHRISTÃO

NÓS PRÉGAMOS A CHRISTO.

1^a Epist. aos Corinthios ap. I, v. 23.

Redacção:

Rua de S. Pedro N. 102

RIO DE JANEIRO

REDACTORES DIVERSOS

Publicação mensal

Assignatura annual 3\$000

ADIANTADOS

Principia em qualquer mez, mas finda em Dezembro

NNO XI

Rio de Janeiro, Julho de 1902

NUM. 127

MEDITAÇÕES

I

F aconteceu que, estando orando em certo logar, quando acabou, lhe disse um dos seus discípulos: Senhor, ensina-nos a orar, assim como também João ensinou os seus discípulos.

S. LUCAS XI, 1.

Alguem chamou a oração um « segredo entre Deus e o homem, que conduz para a gloria» e Luthero—que sabia orar como poucos—disse: «A verdadeira oração não a ouve nem entende ninguém, senão Deus, e o próprio homem, que ora, não sabe explicar; a oração, mesmo a que se faz em espírito, é semelhante ao compasso; o centro é uma idéa indizível e todas as palavras são o círculo, que elle percorre, este entendemos e levamos à presença de Deus, quando oramos. Detin-tretanto attende ao desejo nosso—o centro do círculo nesta figura—, que existe no mais escondido e profundo canhão do nosso coração e que ultrapassa todas as nossas idéias. E fazendo Deus assim, o que ora reconhece com surpresa, que não só recebeu o que pediu como também até aquillo, que elle nem se atreveu a pedir.»

Orar, porém não é proprio do homem no seu estado natural. Como o mundo não pôde receber o Espírito da verdade, porque não o vê, nem o conhece (S. João XIV, 17), assim também o mundo ou o homem, que guarda o espírito e idéias mundanas, não pôde orar, porque não vê e nem conhece o Deus vivo, o Pae, com

quem os filhos vivem na mais estreita intimidade

Pela linguagem distingue se os homens dos animaes e até pela lingua se percebe a nacionalidade dos individuos; pois assim também pela linguagem da oração se destacam os filhos de Deus dos filhos deste mundo.

O exemplo de Christo, que estava orando em certo logar, despertou nos seus discípulos, que como Pedro, André e João tinham aprendido a orar com João Baptista, o desejo natural de saberem orar como Elle, que certamente muito maior que João Baptista, devia ser mestre de oração.

Da oração de Christo os discípulos receberam o desejo de saber orar, portanto todo o aquelle que pretende ensinar a um outro a orar a Deus, deve ter como condição principal e indispensável, o espírito da oração, que por sua vez sempre está prompto para procurar os corações dos outros, pelos quaes, o que deseja ensinar, pedir. Em resumo: a graça, ou por outra, o dom de orar não se adquire pelo estudo, mas sim pela oração do que sabe orar.

Aprende, pois, presado leitor, se não tendes a felicidade de saber orar, com o discípulo, que disse: «Senhor, ensina-nos a orar,» e podeis estar certo que ao formular este pedido estaes no caminho direito de serdes um dos privilegiados em oração.

Em resposta ao discípulo Jesus deu-lhes o Pae Nossa, a oração, como li algures, melhores em todo o mundo, porque ella encerra em si todas as boas orações. Em artigos proximos tomarei por assumpto de

ligelro estudo esta grandiosa oração da qual Santo Agostinho diz :» Todas as orações dos Santos são só um Pae Nossos.»

Oh! que todos soubessem orar como os santos um «Pae Nossos» são os meus ardentes desejos

II

«E elle lhes disse :
«Quando orardes, dizei :
«Pae nosso, que estás no
«Céos. . .

S. LUCAS, XI; vers. 2.

Quando orardes, dizei !

Ha horas em que se sente a necessidade de falar, o coração fica cheio e a boca sem sentir-se transborda. Bem sabemos que as simples palavras de que se compõe o «Pae nosso», se nós nos cingirmos a elas só, desviam a nossa atenção e não foi este o intuito do Mestre, de dar nos uma fórmula de oração. Não! O que Elle quis foi antes de tudo mostrar-nos a posição em que nos devemos collocar, quando nos dirigimos ao nosso Deus.

Por isso vejamos.

Elle começa pela verdadeira palavra da fé : «Pae», assim como um filho nosso, quando o acariciamos ao colo, nos diz com toda ternura : «Querido pae», assim também devemos chamar ao Deus omnipotente, Creador do céo e da terra, de «amado Pae», afagando nos Elle sobre os joelhos (Isaias 66, 12). Si, compenetrados d'esta nossa condição de filhos, com toda a confiança buscámos a face do nosso Deus, damos um testemunho da nossa fé em Jesus, pois só pelos merecimentos d'Elle temos o direito de chamar a Deus pelo doce nome de Pae.

«Não vos deixarei orphaos», disse Jesus (S. João 14, 18) e na verdade com o «Pae nosso» Elle nos dá o penhor seguro de termos um Pae que nos ama tanto, que nos deu o Seu Filho Unigênito para que todo o que n'Elle crê não pereça, mas tenha a vida eterna.

Mas não é só isto, não sou eu só que posso dizer : «Pae». No dizer «Pae nosso», incluo todos os meus irmãos n'esta oração, e haverá goso maior possível n'este mundo, que o de ser membro da sancta familia de Jesus—os que verdadeiramente o são, que me respondam—e assim, juntamente, levantar as mãos à Deus, dizendo : «que estás nos céos. ? Não que Elle esteja longe. (Jere-

mias 23, 23). Como o céo está estendido sobre a terra, assim Deus circumscreve e governa tudo de cima de sua sancta habitação (Deut. 26, 15). As nuvens são escondedouro para Elle, para que não veja; e passeia pelo circuito dos céos (João 22, 14). Entretanto nós o alcançamos sempre, quando com fé oramos «Pae nosso». Podia assustar-nos o facto, que Deus está nos céos, porque lá não entra causa alguma contaminada; lá estão os anjos e archanjos, deante do Seu trono cantando louvores, e nós? Nós estamos n'um mundo cheio de maldade, na triste condição de pobres peccadores. Mas, graças à infinita misericórdia de Deus o Verbo que veio em carne, Nosso Senhor Jesus Christo, em carne ressurgiu e subiu ao céo e lá está intercedendo por nós e guardando todos os que o Pae lhe deu.

Porém «si invocaes por Pae Aquelle que sem excepção de pessoa, julga, segundo a obra de cada um, andae em temor» diz S. Pedro em sua 1^a epistola, cap. 1, vers. 17 e Lutero na sua linguagem rustica exclama : «Si eu comprehendas estes poucas palavras e acreditas que Aquelle, que criou a terra e todas as criaturas e as tem subjugadas em suas mãos, é o meu Pae, concluiria tambem que eu sou unu senhor do céo e da terra, que Christo é o meu irmão e que tudo me pertence. Gabriel seria o meu pagem, Rafael o meu cocheiro e todos os anjos os meus servos, quando me visse em apuros,» mostrando nos assim a grande importância d'este privilegio que Deus nos dá, de chamar-o «Pae Nossos».

OSMAR

Consólo celeste

Quem noss'alma refrigera
Em transes de acerba dor
Quando um ser se desespera
A mingua de doce amor?
Quem ao triste, ao perturbado
Vem trazer consolação,
Quando só, desamparado,
Jaz em profunda afflicção?

Quem allivia a tristeza?
Quem dá força ao que padece?
E vem curar a incerteza
Que dentro em sua alma cresce?

Quem faz nascer a esperança
que já se sente perdida,
fazendo ao peito a bonança?
Quem nos alenta na vida?

E's só tu — Jesus querido
que attendes ao que te implóra,
ocorrendo ao desvalido
que a teus pés curvado chôra;
Se ao triste, de dia em dia
frazes calma e vens guiar,
Oh! Jesus, sê tu meu guia,
Vem minh'alma confortar.

LUIZ VIEIRA FERREIRA SOBRINHO.

As viagens missionárias de S. Paulo

(James Stalker D. D.)

III

SUA SEGUNDA VIAGEM.

Em sua primeira viagem, pôde-se dizer que Paulo provou as suas azas, porque a referida viagem ainda que cheia de aventureiras, limitou-se unicamente á volta de sua província natal. Na segunda fez uma expedição muito mais longa e perigosa. Na verdade, esta jornada foi não só a maior que fez, como talvez a mais importante que consta dos annaes da raça humana. Em seus resultados sobrepuja a expedição de Alexandre o Grande, quando levou as armas e a civilisação da Grecia, ao coração da Ásia, ou a de Cesar, quando desembarcou nas praias da Bretanha, ou mesmo a viagem de Colombo quando descobriu um novo mundo.

E no entanto, quando partiu não tinha a idéia da magnitude que a sua expedição ia assumir nem a direcção que deveria tomar. Depois de gozar de um pequeno descanço apóz sua ultima viagem, disse a seu companheiro: «Tornemos a ir visitar os irmãos por todas as cidades, em que temos pregado a palavra do Senhor, para ver como se portam.» Era o desejo paternal de ver a seus filhos espirituais que o impellia; mas Deus tinha designios muito mais importantes, que se desenrolavam diante de Paulo á medida que avançava.

Infelizmente o começo desta viagem foi manchado por uma disputa entre os dois amigos que tencionavam fazel-a juntos. A causa desta desavença foi a proposta da companhia de João Marcos.

Sem duvida, quando este moço viu Paulo e Barnabé voltarem a salvamento do emprehendimento que elle abandonara, reconheceu o erro que commettera; e agora desejou relevar a sua falta acompanhando-os. Barnabé naturalmente desejou levar o seu sobrinho, mas Paulo absolutamente recusou. Um delles, homem de facil bondade, arguia o dever de perdoar e o effeito que uma repulsa teria num principiante; enquanto que o outro, cheio de zelo de Deus, demonstrou o perigo de fazer uma obra tão sagrada dependente de quem não poderia merecer confiança pois, «confiar em um homem infiel no tempo de perigo é semelhante a um dente quebrado ou a um pé luxado». Agora não podemos saber qual dos dous tinha razão ou se ambos em parte não a tinham. Em todo o caso, ambos sofreram por essa causa: Paulo teve de affastar-se zangado do homem a quem provavelmente devia mais do que a qualquer outro; e Barnabé separou-se do maior espirito da época.

Nunca mais se encontraram. Isto com tudo, não foi devido á continuação da sua disputa. O calor da paixão logo se esfriou e o antigo amor voltou. Paulo em suas epistolas mencioua com honra a Barnabé e na ultima de suas epistolas manda que Marcos se vá encontrar em Roma com elle, expressamente ajuntando que elle é-lhe proveitoso para o ministerio, isto é, para aquillo de que havia duvidado antes.

Comtudo, até então, esta disputa os conservou separados. Concordaram dividir entre si a região que tinham evangelisado juntos. Barnabé e Marcos foram para Chypre e Paulo encarregou-se de visitar as igrejas no interior. Como companheiro levou consigo a Silas ou Silvano, em lugar de Barnabé; e não tinha prosseguido muito em sua nova viagem quando encontrou quem tomasse o lugar de Marcos. Foi Timóteo, convertido em Lystra, durante a sua primeira viagem; era moço e gentil; e continuou como companheiro fiel e conforto constante ao apostolo até o fim de sua vida.

Em cumprimento do proposito com que havia sahido, Paulo começou esta viagem visitando de novo as igrejas em cuja fundação havia tomado parte. Comegando em Antiochia na direcção do noroeste, fez este trabalho na Syria, Cilicia e outras partes, até alcançar o centro da Ásia

Menor, onde se completou o primeiro objectivo de sua viagem.

Porém, quando um homem está no caminho direito, toda a sorte de oportunidades se lhe depara. Quando Paulo acabou de passar por todas as províncias que antes havia visitado, novos desejos de penetrar mais além começaram a arder em seu peito e a providencia abriu o caminho. Seguiu para diante na mesma direcção para Phrygia e Galacia. Bithynia, uma grande província situada as longo da costa do mar Negro e Ásia, uma província densamente povoada, no oeste da Ásia Menor, pareciam convidá-lo e ele desejou penetrar nelas.

Mas o Espírito, que guiava os seus passos, indicou, por meio a nós desconhecido, que estas províncias por enquanto lhe estavam cerradas; e seguindo na direcção que o seu divino guia lhe permitia, achou-se em Troas, cidade na costa noroeste da Ásia Menor.

(Continúa.)

Réjane

O THEATRO

Esteve durante alguns dias nesta capital a eminentemente talentosa artista francesa cujo nome encima estas linhas. Todos os jornais, sem exceção, desfizeram-se em elogios pomposos ao seu admirável talento de representar.

E que representou ella, com tanta naturalidade, e tanta arte?... Representou o que ha de mais corruptor para a família; scenas de adulterio, maridos que abandonam suas mulheres pelas amantes, mulheres casadas que corrompem ou são corrompidas pelos maridos de suas amigas, donzelas que se deixam seduzir, tudo em fim o que ha de pôrre, nojento, devasso e immoral na sociedade hodierna!

Não é preciso ir se ao theatro e assistir-se a essas deploráveis representações (deploráveis para os costumes e para a família) para se saber os scenas immorais que aí se representam: toda a imprensa incumbe-se de dar com antecedencia um resumo do entrecho da scena a representar-se. As famílias sabem portanto o que vão ver e ouvir; e toda a noite o theatro enche-se de famílias!... As peças mais escandalosas foram representadas com geraes aplausos

e assistidas por milhares de chefes de famílias, em companhia de donzelas, de esposas jovens, de moços imberbes.

Que escolha de moral! Que escolha de virtude!... Não se representou uma só peça moralisadora, nem simplesmente moral; todas elas eram corruptoras e immorais. Leia-se nos jornais o entrecho de qualquer delas, e ver-se-á a verdade do asserto; e nem ao menos havia um fim moral para salvaguardar as scenas escandalosas. Em todas, a malicia, a sensualidade, a hipocrisia, a mentira, são os sentimentos e os factos predominantes. Se no seio de qualquer das famílias presentes áquelles espetáculos sensuais ocorresse algumas daquellas scenas representadas e aplaudidas, daria causa talvez a dramas de sangue...

No entanto, muitos que antes eram ignorantes dessas misérias, vão, agora alli, no theatro, aprender juntos, e juntos apreciar e excitar a imaginação, pais e filhos, mães e filhas, jovens esposas virtuosas, moços já gastos, velhos nojentos de sensualidade, mulheres perdidas!...

Que escolha do vício! que escolha da immoralidade!

E fallam em moral, esses que tem a moral em tão pouca conta, que aplaudem e apreciam representações e scenas onde ha de tudo, menos a moral; ou antes onde a moral é combatida e destruída; aonde o vício é proclamado, e ensinado, e desculpado, e tido por meritorio!!!...

Podeis imaginar os pensamentos que povoam o cerebro e escandecem os corações dos que assistirem a taes scenas de realismo sensual, ao sabirem daquella escola, cerebros e corações de donzelas pudicas, de esposas virtuosas, de moços já predispostos á immoralidades pela educação facil do nosso meio social!

E ainda ha quem defenda o theatro como escolha de moral e de costumes!

Ao ler-se na imprensa as descrições das sucessivas «encheres» de *gente boa e grauda* e lendo se os entrechos das scenas representadas com geraes aplausos quem tiver amor pelo futuro moral da Patria exclamará compungido e apreensivo:

Pobre Patria! pobre Patria!...

LAURESTO.

Rio, Julho de 1902.

Paz

Na aflição, Senhor, do pensamento
Se debatia a alma angustiada,
Por baldões e incertezas agitada.
Não tendo descanso um só momento:

Lembrada do passado provimento
De tanta miseria vã ser carregada,
Segundo tão somente a vil estrada
Do mal que a levára a tal tormento;

Nessa noite tenebrosa em que jazia,
Minha alma angustiada teve luz,
Uma auróra de paz e de alegria,

Um nome, nome augusto, em que transluz
Misericórdia e amôr, que me dizia:
— « Vem a mim peccador, — Eu sou
[Jesus]. —

Rio 25 de Julho de 1902.

JOÃO TEIXEIRA MACHADO.

Recordações de Viagem

Ainda que um pouco tarde, não faz mal
contar algumas impressões que me ficaram
da viagem aos Estados Unidos, e à Inglaterra sobre os serviços religiosos.

Certas LEITURAS RESPONSIVAS que aqui, no Brasil, só conhecemos feitas pela Igreja Episcopal Brasileira, lá são admittidas e feitas em todas as igrejas. O pastor lê um verso de algum dos psalmos e a congregação, em côro, lê o verso seguinte, o pastor lê outro, e a congregação o seguinte, e assim por diante.

Aqui, na Assc. Christã de Moços, em quanto dirigi a aula bíblica aos dominigos, experimentei esse costume de leitura responsiva do trecho que tínhamos de estudar, e notei que dava bom resultado, pela animação que provoca.

A oração dominical é feita em comum, em voz alta em todas as igrejas.

E é esse um costume que devíamos adoptar nas nossas reuniões: a oração final, é a oração dominical, que todos fazem juntos e compassadamente.

Mesmo no culto de família, terminada a oração isolada do chefe da casa, todos então fazem juntos, a oração dominical.

FERIAS.—Nos Estados Unidos é uso em todas as igrejas, geralmente, o pastor ter 3 ou 4 mezes de ferias no verão, com o ordenado. Vão então para fora da cidade

descansar, para as montanhas, para os campos, etc. etc., e preparar a serie de sermones que têm de dizer na temporada seguinte. E como quasi todas as igrejas tem pastores ajudantes, estes é que to-ram o lugar e o serviço, na ausencia do primeiro. A medida que os ministros vão ficando conhecidos, ou á medida da riqueza das igrejas e das congregações, então os seus ministros pregam cada vez menos; uma vez por semana por muito favor. E que bons vencimentos annuaes !...

Quão diferente do que se passa por cá ! Os nossos pastores levam anno apoz anno, sem descanso, ocupando o pulpito 2, 3, e mais vezes por semana, e quanto melhores e mais conhecidos ficam, mais vezes tem de pregar !...

Não têm ajudantes ou substitutos effe-
tivos; não tem igrejas ricas; nada ! E que vencimentos ?!... Nem se falle...

—Mas as férias de verão não alcançam somente os pastores; vão até aos membros. Nas cidades populosas, muitas igrejas fecham-se no verão, ou porque os pastores vão para o campo, ou porque a concurrencia é tão diminuta que não paga a pena o serviço. De facto, no verão, as igrejas ficam vazias, como diversas dellas vi; e não é que quasi todos os membros saiam também para fora, para as cidades mari-
timas, etc., não, senhor.

Porem, por causa do muito calor, ou ficam em casa, ou vão a excursões cam-
pestres, aos jardins, aos arrabaldes, etc. etc. Nos domingos esses lugares de diver-
timentos estão cheios de povo, se refres-
cando e se distrahindo.

TEMPLOS.—Uma cousa porem é exacto:— é a boa vontade com que todos contribuem para o melhoramento material de suas casas de culto. Qualquer cidade tem muitas igrejas; pois qualquer dellas, a mais simples, é mais confortavel internamente que qualquer das nossas igrejas; e isso devido á liberalidade em donativos exce-
pcionaes e contribuições regulares, com que todos concorrem. Nos domingos da espiritualidade dellas eu não entro; porem seria muito para se desejar que das nossas diversas igrejas houvesse essa fran-
queza, e metodo, mesmo generosidade nas contribuições para a manutenção do culto.

Então não se veria a falta de commo-
didades que em geral se nota nos nossos templos, e os ministros seriam melhor re-

munerados, não necessitando procurar fóra da igreja meios de subsistencia. Poderiam se dedicar completamente ao seu ministério; e a causa de Christo, sob qualquer aspecto teria tudo a ganhar, com a liberalidade dos membros das igrejas.

Cada igreja esmera-se em ter um côro bem educado, e um excellente organ. Algumas vezes, como meio de atrair ouvintes, e chamar grande concorrência de fieis, cantores celebres vão lá cantar solos que encantam. E o uso de fazer-se o canto e a musica tomarem papel mais que saliente nos cultos, tem provocado os protestos de ministros que combatem esse modo (não o simples cantar dos hymnos) de agradar aos ouvintes, em detrimento do Evangelho.

Todo o excesso é, de facto, prejudicial; porém é verdade que um côro bem organizado, com vozes boas e educadas, e um organ bem tocado, são cousas que deliciam o ouvinte, e preparam a alma a ouvir com gosto a Palavra Divina. E nisto de côros nas nossas igrejas, confessemos que estamos n'um estado lastimável; os hymnos de louvor a Deus são cantados de modo a deixar a gente nervosa...

FRATERNIDADE.— Notei nos Estados Unidos e na Inglaterra, que geralmente ha muito mais fraternidade entre as diversas denominações, do que se vê entre nós. No verão, pastores baptistas ficam tomando conta provisoriamente de serviços methodistas; methodistas de presbyterianos, etc., etc., conforme as conveniencias e arranjos entre si.

E assim alternam-se mutuamente sem haver reclamações nem desharmonias.

Si uma igreja congregacionalista fechasse por algum tempo, e ha proximo uma presbyterian, os membros d'aquelleia frequentam esta, como sua, durante o tempo nescessario. E assim com as outras.

A CÉIA.— Nos dias de communhão ha um excellenté costume que seria muito bom si fôsse adoptado entre as nossas igrejas,

Findo o sermão, o ministro annuncia que se vai proceder á communhão para os membros da igreja; e enquanto se canta um hymno podem se retirar as pessoas que não são membros ou não querem participar da Ceia. Assim ficam só na sala as pessoas que querem communhar, e a estes

se lhes dá a Ceia, indistinctamente, sem indagarem de que igreja são. E' intuitivo, que desde que permaneceram na igreja depois do aviso do pastor é porque são membros de igreja e desejam communhar.

Si não o forem, ou não tiverem direito de participar «comerão e beberão para si a condemnação».

E' esta uma fraternidade christã que existe até na maioria das igrejas baptistas. E de facto convidando-se geralmente aquelle que quizerem participar da Ceia, dáse uma bella prova do amor christão, que não faz escolha e distinções, entre membro e membro. «Examine-se pois cada um a sua consciencia e coma deste pão e beba deste calix» disse S. Paulo. Não compete pois a homem indagar da consciencia do seu irmão; si este bebeu indignamente do calix a condemnação será sua. Partindo desse bello principio é que tive occasião de participar da Ceia do Senhor no grandioso Tabernaculo de Spurgeon, em Londres permanecendo no recinto depois do culto do Rev. Thomaz Spurgeon. Deram-me Ceia, sem me perguntarem de que igreja eu era. Desde que eu me considerava digno de participar, isso era com a minha consciencia, nada tinha com elles. E assim tambem participei duas vezes da Ceia, em «Talbot Tabernacle» outra grande igreja do sistema baptista, de Londres.

Esse costume de faser-se tal aviso ante da Ceia é tambem muito bom, porque muita gente de fora que não comprehende ou que não tem o minimo interesse em tão sublinhado acto, fica retida a contra gosto e sem proveito, até o fim do culto.

Assim da-se-lhes liberdade de sahir ou de ficar.

CARTÕES DE MEMBROS.— Outro bom costume: nos dias de Ceia, cada membro daquellas igrejas, ao entrar, recebe á portas dos diaconos, um cartão numerado, em correspondencia com o seu numero de inscrição no rôl dos membros. Assim, depois de terminado o culto, o ministro sabe pelo numero que falta quaes os membros que não compareceram á igreja ou não communharam. Faltando 2 ou 3 vezes, o pastor ou os presbyteros, vão então visitar esse membro e saber os motivos porque não têm comparecido e participado da Ceia; se doença, si alguma queixa, etc. etc.

Aqui, sendo uma igreja numerosa, muitas veses passam-se 6 meses e mais, sem

que algum membro commungue, e o facto passa desapercebido dos pastores, que por esse motivo não visitam o irmão ausente.

Com o sistema de cartões numerados para os crentes, logo á primeira falta de participação da Ceia o pastor teria disso conhecimento, e iria, á 2^a falta, visitar ao irmão e saber o motivo da sua ausencia á communhão.

ASSENTOS NUMERADOS. Estes cartões numerados estão geralmente em connexão com os assentos numerados. Cada membro tem seu lugar numerado nos bancos da igreja.

Esse numero preenche dous fins essenciaes, que são uteis; e não significa odiosas distinções como á primeira vista parece. Todos os que frequentam com regularidade sua igreja, sabem que cada qual tem seu banco predilecto, onde gosta mais de se assentar; e não gosta muito quando ao chegar a igreja acha já tomado o seu lugar predilecto. Qualquer contribuiria de boa vontade para a igreja, para ter sempre seu lugar reservado.

Pois bem; o lugar numerado preenche esse dous fins: olha pela commodidade dos membros assíduos da congregação; e é um bom meio, ou antes um pretexto para uma contribuição mensal (ou annual) regular de cada membro. Essas contribuições regulares dos membros pelos seus lugares reservados são voluntarias, e não têm limite; cada um dá quanto quer: um que pôde dá 20\$000 por mez; o que não pôde dá 1\$000 etc.

E isto sem vexame, e sem especulação, e sem regateios, pois é para a manutenção do culto divino.

Não é esse um bom meio de contribuição?

O CALIX INDIVIDUAL. — Resta-me por fim, fallar de uma inovação original, na Ceia do Senhor. E' o uso que pouco a pouco vai se propagando, de um calix pequeno para cada pessoa que communigar. Muitas e muitas egrejas de diversas denominações já adoptaram esse sistema de servir o vinho na Ceia; para evitar contagio de molestias transmissíveis, e a repugnancia instinctiva que muitos crentes tem de beber pelo mesmo copo onde todos behem. Cada igreja tem tantos calices, quantos membros; e aos Domingos de Ceia, os presbyteres passam entre os bancos um pequeno galheteiro, de onde

cada qual tira seu calicesinho (que pode conter apenas um góle de vinho, quando muito) bebe, e deposita-o outra vez no galheteiro. Aqui não entro na conveniencia ou não deste uso do calix individual; a questão é muito mais difícil e mais grave do que á primeira vista parece. Menciono apenas o facto a titulo de curiosidade, reservando-me para mais tarde, e si houver oportunidade, escrever detalhadamente sobre esse importante ponto.

Terminando, espero que algumas destas observações acima expostas, e alguns desses exemplos sejam seguidos e sejam de utilidade practica nas nossas igrejas evangélicas; e foi nesse intuito que as escrevi.

Rio, Julho de 1902.

LAURESTO.

O Catholicismo Romano

E

O Christianismo puro

Na rapida leitura que acabamos de fazer das «razões que ao tribunal da opinião publica apresenta o advogado A. Teixeira da Silva», a experiencia nos mostra o interesse que se vai dando á publicação dos livros religiosos.

Hoje temos sobre a mesa mais uma prova do nosso asserto. O desenvolvimento natural e progressivo da literatura evangélica, outr'ora amesquinhada e mal comprehendida, deixa vêr a atenção e o zelo em acudir aos ataques constantes do romanismo, seita que não se farta de inovações. O mal circula com terrível velocidade e o contagio ameaça invadir para corromper tudo. O clero, guiado por um instineto de perversidade, é o mortifero veneno que se propõe a destruir os ensinamentos divinos, e depois, padecendo um imperdoável anachronismo, quer obrar e agir por caminhos escuros e súaltornos.

Porem ha homens no Brazil e juizes em Berlim. O autor do livro contribue valorosamente pela disseminação do «christianismo puro» e falla primorosamente daquellas grandezas que se encontram bellamente compendiadas no Livro Santo. Rebaixa, em círculos de ferro da bôa logica, os jesuitas solapadores do edificio social e religioso, os roupetas revolu-

cionarios e intolerantes, os frades politiqueiros e mentirosos. Desvanecem, em estylo facil, as accusações que se tem feito á doutrina inemitavel do Evangelho. E «a lei de Deus», «a missão dos discípulos de Christo», «a vida alem tumulo», capitulos bem formados, são de muita elevação e dispostos com apurado gosto.

Talvez nem todos os leitores tenham estudiado a adoração e o culto que devemos ao Creador; talvez bem poucos saibam que Henrique Agripa censura nestas palavras as invenções papaes: «Os costumes corrompidos e a falsa religião dos gentios corromperam tambem a nossa religião, introduzindo na egreja imagens e pinturas com muitas ceremonias de uma pompa externa, o que nada disto se viu entre os primeiros christãos verdadeiros» (pag. 17 e 18). Pois bem, contra os erros da idolatria, como resposta á apologia dos santos, o livro a que nos reportamos é por demais instructivo e cheio de novidades; é interessante no modo de coordenar os diversos assumptos e attrahente na linguagem simples e desfastidiosa.

Só quem se dedicar á leitura do folheto, que tem cento e trinta e duas páginas, poderá então avaliar a pujança do talento de mais esse escriptor evangelico, a argumentação solida e retumbante que ahi se oppõe aos *vigarios de Christo*, reprobos e condenados pela sentença apocalíptica.

Fragments

Apparente contradição nas Escripturas.

Em Gen. 46 v. 26, 27 está dito que todas as almas que foram com Jacob para o Egypto (não incluindo as mulheres de seus filhos), eram sessenta e seis, ou (incluindo Jacob, José e seus dois filhos), setenta.

Em Actos 7 v. 14 se diz que setenta e cinco. Este ultimo inclue as nove mulheres dos filhos de Jacob (porque as mulheres de Juda e Simeão eram mortas e a de José estava já no Egypto).

Estas nove pessoas reunidas ás sessenta e seis, completam as setenta e cinco mencionadas em Actos.

Jehovah—Os Judeus nunca pronunciam o nome—Jehovah; porém quando elle ocorre nas Escripturas, lêm Adonai ou Elohim.

Estas ultimas palavras são consequentemente muitas vezes postas em *M. S. S.* (manuscriptos) pela primeira.

Jordão—Os valles do Jordão fazem uma escura, profunda e terrivel separação entre o E'ste e Oeste da Palestina. Provavelmente é por esta razão que passar o Jordão tem-se tomado um symbolo da morte.—*João dos Santos.*

CORRESPONDENCIA

Do nosso correspondente em Lisboa recebemos as seguintes notícias:

«Lisboa, 26 de Junho de 1902.

Estive no Algarve, por motivo de saude, e segundo conselho do medico. Comecei logo a respirar mais regularmente e acho-me mais forte.

Caldas de Monchique

Estive neste lugar, onde tive occasião de dirigir umas reuniões num quarto da avó dum padre, assistindo umas 28 pessoas na maior destas reuniões. O *colporteur* Sr. Romão Peres, que se encontrou commigo, convidava e attrahia os banhistas, ensinando-lhes hymnos e assim, pelo favor de Deus, tivemos ensejo de vêr almas verdadeiramente ansiosas, chorando por terem andado tão longe do caminho de Deus.

O director deste estabelecimento é o Dr. Bentes Castel-Branco, que trata pelo sistema Kneippe. Offerei lhe um livro e elle comprou outro. Apezar de se dizer que a mãe é muito fanatico, o doutor conversou commigo muito amigavelmente, contando-me a historia daquella pitoresca estancia, desde os tempos mais remotos e segundo o que elle lera nos arquivos, e concluiu agradecendo-me pela visita áquelle lugar e por tudo a bem daquella gente procurara fazer.

Silves

Neste lugar visitámos os presos e tivemos algumas reuniões familiares, bem como em Tavira e em Olhão. Em algumas destas terras pedem conferencias públicas. Esperamos que Deus mande obreiros para que se possa attender a todas estas portas que se estão abrindo ao Evangelho. Em Faro distribuimos mui-

tos folhetos na Avenida, á hora em que ali passavam as pessoas de mais influencia da cidade. O arcebispo tem procurado impedir a distribuição de Biblias na sua diocese.

Abuso de poder

O administrador de Olhão disse ao *colporteur* Sr. Peres que não podia vender Biblias; elle, em requerimento, pediu que lhe dissesse por que motivo era prohibida a venda, para poder informar a casa editora. A resposta foi — *indeferido*. O irmão Peres continuou vendendo os seus livros a todas as pessoas que manifestavam desejo de ler a Palavra de Deus, e ainda por ali se demorou umas tres semanas. De Loulé tambem o administrador o mandou avisar de que não voltasse por lá tão cedo, porque tem ordem para o prender. Naquelle concelho distribuiu o Sr. Romão Peres algumas dezenas de Biblias e grande numero de tratados evangelicos. Agora está em Tavira, onde o deixei, mas espera voltar a Loulé e a Faro.

Esfôrço Christão

Tivemos aqui a visita do distineto norteamericano e dedicado obreiro evangelico, o Dr. Francis Clark, que veiu dirigir duas importantes conferencias, uma na Arriaga, (salão grande da Igreja Escocesa) e outra no Cascão, sobre a grande obra universal da Sociedade de Esfôrço Christão.

O ramo estabelecido no Cascão tem sido de grande benção para aquella igreja, pelo favor de Deus, e agora penso em começar um outro — *Esfôrço Christão de Mâes* — para a igreja da Arriaga.

Nova Casa de Oração

Inaugurou-se já a nova casa de culto que o Sr. Carvalho abriu no Rocio d' Abrantes (povoação de 1.500 almas). De Lisboa foi a Sra. D. Anna Carvalho, o filho e mais alguns membros da igreja do Cascão. De Portalegre o Sr. Silveira, o Sr. Lemos, o Sr. Mendes e o Sr. José Alexandre.

Boers

O Sr. Wright foi a pedido do comandante boer, o Sr. Mostert, que queria anunciar o Evangelho aos seus vizinhos antes de regressar á Africa. O Sr. Wright experimentou grande satisfação em poder

prestar serviços de interprete áquelle cavalleiro e ficou com desejos de voltar ali antes que o Sr. Mostert se retire. Assitiram 200 pessoas e entre estas muitos boers que cantaram os hymnos em holandez. O Sr. Raul Gonçalves (nossa irmão e activo industrial naquelle lugar) foi o intermediario para o pedido ao Sr. Wright. Deus abençõe esta nova casa e mande obreiros á sua messe, de modo que possam ser attendidos com cultos regulares todos esses nossos centros.

José M. Barreto

Este irmão é esperado aqui no dia 3 do proximo Julho, afim de seguir para Neu-Châtel (Suissa), onde vai fazer um curso de tres annos num instituto evangélico.

Fraternidade Evangelica.

Por estarmos de pleno accordo no assunto, abaixó transcrevemos do nosso collega «O Jornal Baptista», de 27 de Junho, desta capital, alguns trechos de um artigo intitulado «O nome Baptista» e subscripto pelo Rev. F. Soren, muito digno pastor da Igreja Baptista desta capital, a quem felicitamos pela sua isenção de animo rara no nosso meio evangélico, e na denominação a que pertence.

«O NOME BAPTISTA»

A pratica actual de nossas igrejas no Brazil quanto ao uso do nome Baptista é, quanto a mim, injusta; ou antes a pratica em não usarem esse nome quando deveriam usal-o, substituindo-o por outros, não menos dignos, mas que não devriam, penso eu, ser usados no lugar do nome Baptista.

Refro-me aos nomes dados a nossas igrejas em diversas partes do paiz, e. g., «Igreja de Christo», «Igreja de Deus», etc. Ora, nós cremos que as nossas igrejas são de Christo e que são de Deus, porém isso não é razão para abandonar-se o nome Baptista.

Essa pratica parece-me um tanto prejudicial :

É offensiva ás outras denominações evangelicas; pois, a ellas isso parece, e não sem boa razão, que nós Baptistas consideramos igrejas de Christo sómente

as nossas egrejas; ao passo que todos os Baptistas reconhecem que as outras igrejas evangelicas são congregações de crenças em Christo, e se compostas de crenças em Christo, portanto igrejas também de Christo.

Para comprehendermos melhor a inconveniencia que ha em tal pratica, imagine se que todas as denominações evangelicas adoptavam a mesma pratica, chamando suas igrejas pelos nomes de «Igreja de Christo» e «Igreja de Deus», pois que tem o direito de fazel-o. Que confusão seria isso! Que Babel!

Essa pratica é decididamente uma inovação desnecessaria. Já temos tido apelidos bastantes, fiquemos com esses e não busquemos outros. Digamos, em vez de «Igreja de Christo» ou «Igreja de Deus», Igreja Evangelica Baptista, ou simplesmente Igreja Baptista, pois todos sabem que a Igreja Baptista é evangelica, e dispensem os innovações.— F. F. SOREN.

Sentimos não ter espaço bastante para transcrever todo o bom artigo. Por esses trechos, porém, pôde se bem avaliar da sensatez com que foi escrito.

Nossos aplausos fratnaes ao irmão baptista.

Presbyterios:

a) DO RIO DE JANEIRO.— Este presbyterio reuniu-se nesta cidade nos dias 10 a 14 de Julho, tendo sido eleito moderador o Rev. Antonio Trajano.

O facto mais notável foi a ordenação ao sante ministerio dos licenciados Baldomero Garcia e Henrique Louro de Carvalho.

O Rev. Franklin, depois de ter andado pelo estado de S. Paulo, voltou de novo para este presbyterio, por carta demissoria do de S. Paulo, e foi encarregado da Igreja de Nictheroy, que bem precisa de um ministro que dedique a ella toda a sua actividade.

O Rev. Antonio Trajano pediu e obteve jubilação, attento ao seu estado.

b) PRESBYTERIO DE S. PAULO.— Reuniu-se na Igreja Unida, na capital. Ali foi ordenado o licenciado Salomão Ferraz. O presbytero Dr. Silva Rodrigues propôz que se nomeasse uma comissão para es-

tudar a questão maçonica á luz da palavra de Deus.

Esta proposta não agradou e caiu. Pezames nossos.

Paciencia e coragem!

«Roma não se fez num dia...»

c) PRESBYTERIO OESTE DE S. PAULO.— Reuniu-se em Botucatú. A questão maçonica ahi foi também agitada, e fortemente debatida.

Este foi o presbyterio que no anno passado, sob proposta de um ministro maçón, ordenou que nenhum ministro falasse ou escrevesse sobre a questão maçonica! (E delle faz parte o Rev. Eduardo Pereira...) Este parenthesis elucida a razão da proposta.

Felizmente, para os seus creditos, e para a liberdade de pensamento, desta vez, por maioria de um voto, reconsideraram o seu acto anterior, retirando-o das actas; e resolveram retirar a queixa ao synodo!

Bem baha.

Ahi foi ordenado o licenciado Constantino Omegna, que tomava conta da Igreja de Nictheroy.

Nossos sinceros parabens aos nossos ministros do Senhor. Que na grande vinha do seu Mestre trabalhem com todo o amor e dedicação, de modo que muitas almas achem o caminho da salvação.

São os nossos votos.

A MANQUINHA DE ANTIOQUIA

HISTORIA DO PRIMEIRO SÉCULO

CAPITULO XII

(Conclusão)

A manquinha em casa outra vez;— a semente brota;— os fructos se mostrão;— o philosopho se rende;— as orações recebem a sua resposta.

Pela primeira vez, depois de muitas noites, Victoria dormiu, e a expressão de repouso se estendeu pelas suas feições.

Cançada do muito velar, e consolada pela esperança, a velha Graia adormeceu na cadeira ao pé. Quando Victoria acordou, a velha resonava com a cabeça caída sobre o peito.

Por uma das janellas Victoria viu as nuvens que encobrião o céo como folhas de

rosa, e o rio que corria scintillante. Não demoraram muito ali, porém; procuraram logo pôr a outra janella as portas do palacio. Ali a sua vista demorou-se em quanto a fé levou os seus pensamentos e orações pela «Via nova e de vida,» para casa do Pai Eterno acima. Assim estava quando Graia acordou e principiou a resmungar de si mesma, e dos seus olhos velhos e adormecidos, por sua falta de cuidado. Mas Victoria tomou uma mão da velha entre as suas transparentes, e disse com a branda autoridade de menina doente, cujos padecimentos e paciencia lhe deram direito a seu galardão:

«Ajoelha-te vó-vó, junto de minha cama. Havemos de orar juntas. Eu hei de ficar boa. Jesus Christo, meu e vosso Senhor, ouviu as nossas orações, viveremos para o louvar.»

O estoicismo da Velha Graia se rendeu completamente. Dobrou os joelhos, e, encostando o rosto à mão da neta, soluçou com ella de tempos a tempos as palavras da sua oração:

«Graças te rendemos, oh! Jesus Filho de Deus,» disse Victoria, «me curaste porque nos amaste a nós ambas, e nos has de dar quantas bençãos podermos suppor. Sempre nos abençoaste, mas nós não te conheciamos; nós desconfiavamos de ti; nós nos queixavamos de ti, e Tu foste cravado na cruz Oh! nosso Pai, agora já te conhecemos! Elle nos approximou de Ti. Elle nos remiu a Ti pelo seu sangue, e para sempre havemos de render-te graças.»

Cessou, mas Graia não se levantou.

«Mais alguma cousa para mir, minha filha, eu tenho peccado mais que isso. Tenho menoscabado e odiado o seu nome. Tenho-o reprovado, porque julguei que queria tirar-te a mim, e vejo quão mal o conhecia.»

«Tu ouves,» continuou Victoria em voz baixa e profunda. «Tu ouves, Senhor, e tu perdoas; por esta também padeceste.»

Não podia dizer mais. Durante algum tempo a velha não podia acalmar se. Então trocarão-se os seus soluços em lagrimas placidas; até que, levantando-se meigamente, beijou Victoria na testa e voltou para fazer o serviço da casa.

Dali a pouco veio Rhoda saber da doente como estava.

«Acabo de fazer o mais que posso para lançal a de novo em uma febre,» disse Graia, mas Rhoda percebeu o que daria o seu

tom e semblante feliz, o d'ali em dianete ficou entendido entre os tres que era um com ellas, e ainda que se assentasse callada ou se occupasse com seu trabalho, em quanto fallavao uma com outra, sabião que no coração estava com ellas.

O delírio não tornou a voltar.

Um velho de cabeça branca deixou-se ver muitas vezes perto da porta da pequena casa, ou depositando mysterioamente fructos e flores na janella; mas não foi senão alguns dias depois da sua volta á casa que Graia o reconheceu.

«Pothino! exclamou ella, «pensei que nos tinhas abandonado.»

«E' verdade,» retrucou elle. «A menina está melhor?»

«Bastante melhor para vos poder fallar,» disse uma doce voz do interior.

Elle entrou e ficou como réo, olhando attentamente Victoria.»

«Viverá!» disse elle em fini, «mas fiz o que pude para mata-la.»

«Vistes aqui para insultar-nos desta maneira?», exclamou Graia com algum tanto do antigo tom de hostilidade.

«E' verdade,» e le continuou, em uma voz que a Graia parecia muito deliberado e insolente, mas que chamou as lagrimas aos olhos de Victoria. «Eu disse-lhes que forão os christãos que trouxerão as chuvas e estragaram as ceifas. Não cri eu mesmo as minhas palavras, mas o povo sim; era minha, pois, a culpa, e não sua. Sabia a todo o tempo a verdade qual era, e agora posso tambem confessal-a. Não teria podido, porém, se tivesse morrido aquella que tudo me ensinára..»

Victoria chorou, mas sua avó mostrou-se mais insultada de que benigna, e murmurou «Creio que não.» E então, como quem se lembra repentinamente de alguma cousa, approximando-se do velho, disse, —«Podemos ambos ficar juntos, Pothino. Eu tambem fui hypocrita, e muitas vezes reprovei o ella ir onde o meu coração me dizia que eu tambem devia ir. E tambem não fôste tu quem lançaste as pedras.»

«Fiz peior,» disse com solenidade. «Oh Victoria! já posso considerar o meu crime tal qual é, pois creio que mesmo este seja coberto e perdoado. Mas, pobre filho, deixa-me ouvir te fallar outra vez.»

Victoria virou para elle o seu semblante alegre e risonho, e disse:

«Foste tu quem me trouxeste para casa. Foste tu quem mandaste a liteira, de ma-

neira que foi elle quem me salvou a vida, vóvó.»

Elle não negou; e Graia ficou commo-
vida.

«E estes fructos e flores tambem,» pro-
seguio Victoria.

«Não são meus,» respondeu. «Repara á
tarde para a porta do palacio.» E fui-se.

Victoria espreitou, como o recomen-
dára, até que, no lusco fuseo, viu sahir da
porta e approximar-se da janela uma agil
figura de mulher vestida de luto.

Escondida pela escuridão do pequeno quar-
to viu a senhora tirar calladamente debaixo
da capa um cestinho, e deitar na janela
com muito cuidado as fructas que continha.
Victoria se approximou e deitando a mão
na da senhora disse:—«Querida senhora,
permitte que saiba a quem devo agrade-
cer» «Não haveis de conhecer-me por
nome», foi a resposta. «Sou Mariamne,
filha de Ione.»

Não conhecer o nome que das suas ora-
ções não faltára por um só dia durante
anos—nem mesmo sequer no seu delírio!
Victoria estremecia, sentindo avizinhar-se
tanto a supplicada benção. Era o mesmo
que ver a Deus; e a carne falhava.

Mariamne prosseguiu:

«Talvez nem havieis de me conhecer
mesmo que me visseis. Já me viste uma
vez, mas dizem que estou muito mudada.
Lembras-te daquelle dia que vieste tratar
dos meus vestidos e nos fallaste das nupcias
do evangelho? Todo o gozo que então no
mundo esperava, sumiu-se, mas a alegria
em que nos fallaste, só agora é que
principia para nós.»

«Na minha afflégão lembrei-me das tuas
palavras, naquelle bemaventurada esperan-
ça morreu o meu marido, e na mesma
tambem vivemos nós outros.»

A conversa concluiu-se dentro da hu-
milde morada e findou em lagrimas e ora-
ções, misturadas com graças a Deus.

O primeiro ajuntamento a que Victoria
pôde assistir deu-se no palacio de D. Ione.
O calix e o pão de benção ali se repartiram,
e era como uma antecipação de um dia de
festa que jámais se acabará em lagrimas
quando Graia a Victoria e Rhoda, filha do
carpinteiro, se sentaram a uma mesma
mesa com D. Ione e a viuva Mariamne,
hospedes de um mesmo Senhor, filhas de
uma mesma família.

Quando Graia passou para o seu eterno
descanso, um dos quartos do palacio se

tornou morada de Victoria, mas a antiga
humilde casa no becco não ficou sem ha-
bitante, nem triste. Pelas duas janellas a
estrellas e o sol alumiavão na sua morada
christã a Pothino servo de Christo e da
igreja de Deos em Antioquia.

Jesus sendo meu,
Sou muito feliz;
Eu vou para o céo,
Meu lindo paiz.

Eu não o mereço;
Sou vil peccador;
Mas, crendo, conheço
O bom Salvador.

FIM.

NOTICIARIO

REUNIÃO ESPECIAL.—Com o fim
de passar revista nos trabalhos effectuados
durante o primeiro semestre deste anno
pela União Bíblica Auxiliadora da Igreja
Evangelica Fluminense, foi convocada uma
reunião especial de animação, que se real-
isou no dia 23 do corrente, na rua Larga de
S. Joaquim, com brilhantismo.

A's 7 e pouco da noite, o pastor da
Igreja, Sr. João dos Santos, presidente
honorario da União, abriu a reunião com
oração e hymno. Depois de ler um tre-
cho da Escriptura e fazer algumas con-
siderações, convidou os presidentes da
comissões a lerem os seus relatórios.
Depois o Sr. A. Marques historiou com
emphase os trabalhos da Sociedade de
Evangelisação, desde 1890, demonstrando
como o Senhor tem abençoado o seu tra-
balho e terminou fazendo um appello para
que oremos ao Senhor afim de que prepare
moços para o seu Santo ministerio. De-
pois o Sr. Leonidas fallou sobre a Igreja
Evangelica Nictheroyense, a relação de
seus membros e o que pretendem fazer lá
e propôz que se fizesse uma collecta em
beneficio das obras. Logo que terminou,
o Sr. Santos consultou o auditorio, que
aprovou a idéa. Feita a inesperada col-
lecta que rendeu 104\$000, foi lido o re-
latorio da Escola Dominical e cantado o
hymno «Patria minha». Depois da ben-
ção foram todos convidados a tomar uma
chavena de chá. O salão esteve repleto e
houve muita animação.

ANNIVERSARIO DA A. C. M.—A Associação Christã de Moços festejou o seu 9º anniversario, no dia 4 do corrente, com uma bonita festa.

O orador oficial, Dr. Antonio Teixeira da Silva, fez um bello discurso, que foi publicado no *Jornal do Commercio*, por ordem do seu redactor-chefe. Seguiu-se a parte musical, tomando parte nella amigos dedicados da sympathica Associação. No fim, o Exmo. Conselheiro Leoncio de Carvalho, commovido pela simplicidade e animação da festa, dirigiu algumas palavras de entusiasmo e apreciação.

Os oradores foram muito applaudidos. O salão esteve repleto de socios e de muitas familias.

PASSEIO.—No dia 14 do corrente, á tarde, realizou-se um passeio dos socios da Associação C. de Moços á chacara do digno secretario geral, Sr. M. A. Clark, na Copacabana.

Ao anoitecer foram á praia, donde apreciaram um magnifico luar. Regressando á casa do Sr. Clark, passaram o resto do tempo em divertimentos familiares.

Este passeio foi muito concorrido e os socios manifestaram se muito gratos ao Sr. Clark, á sua exma. esposa, D. Chiquita Clark e á suas dignas irmãs, pelo magnifico e proverbial acolhimento que lhes deram.

RELATORIO ANNUAL.—O nono relatorio annual da A. C. M. acaba de ser publicado em folheto.

Contém muitos dados interessantes e deve ser lido com interesse.

Os que desejarem possuir o deverão dirigir-se ao secretario geral á rua da Quintana 39, 1º andar.

Agradecemos o exemplar recebido.

ALLIANÇA EVANGELICA:—O Snr. Dr. Teixeira da Silva, secretario da Aliança Evangelica de S. Paulo, em compagnia do Sur. Domingos d'Oliveira, thesoureiro da mesma, foi comprimentar o novo presidente do Estado de S. Paulo, Dr. Bernardino de Campos, em nome da mesma Aliança.

Sua Exa. recebeu amavelmente os representantes desta organisação.

HOSPITAL EVANGELICO:—A segunda Kermesse realizada no dia 14 do corrente, em beneficio das obras do Hospital Evangelico, rendeu a quantia de rs.

1:800\$000 que reuniu á importancia da primeira, rs. 3:700\$000, prefaz a importante somma de rs. 5:500\$000.

Como na primeira, reinou muita animação e alegria durante a kermesse.

IGREJA EVANGELICA FLUMINENSE.—No domingo, 6 do corrente, foram baptisados os jovens Alípio de Mendonça Montenegro e Eugenio Marques da Cruz.

Nossos sinceros parabens.

— Esta igreja, depois de muito estudo sobre as qualidades requeridas pelas Escripturas para os cargos de presbyteros e diaconos, acabou de escolher para presbyteros os irmãos José Luiz Fernandes Braga e Antonio Gonçalves Lopes, e para diaconos Alberto da Rosa, Ismael Cardoso da Silva e Antonio d'Assumpção.

Ha muitos annos que esta igreja ressentia-se da falta de officiaes, por terem falecido os mais velhos e por ter a igreja crescido muito.

Fazemos oração para que o Senhor dirija os novos officiaes no desempenho de seus importantes cargos.

— A União B. Auxiliadora por occasião da sua reunião especial no dia 23 do corrente offereceu á Igreja a installação incandescente em todos os bicos pequenos da Casa de Oração e no pulpito, onde foram collocados globos artísticos. Os Surs. Antonio Oliveira & Siva offereceram os apparelhos dos corredores.

A despesa da installação geral foi coberta por uma subscrição particular.

— A Biblioteca da União, com mais de 200 volumes, continua ao dispôr dos membros e congregados. Os pedidos devem ser feitos aos Srs. Antonio R. S. Pereira, Luiz F. Braga, Julio X. M. Couto.

CONTRACTO.—Em S. Paulo o Sr. Ed. Tromposky, digno seminarista, contractou casamento com a Exma. Sra. D. Bella Carvalhosa, digna filha do Rev. Modesto P. B. de Carvalhosa, ministro da Igreja Presbiteriana Unida de S. Paulo.

— A distinta professora de musica, Exma. Sra. D. Thérèse Deslandes, contractou casamento devendo o acto provavelmente realizar-se por todo o mez de Agosto.

A todos, as nossas sinceras felicitações.

A Vida de Jesus, de James Statker.—Estavamos no ponto de iniciar a publicação da traducção de alguns capítulos desta esplendida obra, que graciosamente nos havia sido oferecido pelo Rev. Modesto P. B. de Carvalho, de S. Paulo, quando recebemos da Sociedade de Tractados um volume da traducção dessa obra feita pelo Sr. João S. Canuto, de Lisboa.

Agradecendo a gentileza da offerta e achando agora desnecessario a publicação do manuscrito que tinhamos, recomendamos esta traducção a todos os erentes em Nossa Senhor Jesus Christo.

FALLECIMENTO. — Tivemos noticia do fallecimento, na cidade de Manáos, do tenente Lícino Jansen Tavares, quando ia seguir para o Amazonas. Era irmão dos nossos distintos collaboradores Antonio e Jesse Tavares. Aceitem esses nossos amigos e suas Exmas. familias os nossos pezames.

NICETHEROY. — Bonita festa foi a da Sociedade União Evangelica Auxiliadora de Nictheroy, commemorando o seu aniversario e a tomada de posse da nova directoria.

Foi lido o relatorio, que demonstrou muito progresso e muitos serviços prestados. O presidente da reuniao, Sr. Leonidas Silva deu posse á nova directoria e em seguida fizeram as suas saudações representantes das congregações do Eucantando e Rua Larga, do Gremio Dorcas, da Associação Christã de Moços, da Sociedade Bíblica Juvenil, da Associação de Propaganda, da Redacção d'*O Christão*, etc.

Em seguida, foram convidados os presentes a reunirem se num salão contiguo onde com o auxilio da lanterna magica foram proficientemente expostos e explicados *Os Phenomenos Physicos da Natureza* pelo nosso irmão Sr. Myron A. Clark.

A reuniao acabou muito tarde e esteve muito concorrida.

Agradecemos o amavel e delicado convite que nos foi dirigido.

— Os moços da Igreja da Rua da Praia pretendem publicar no proximo mez um jornal quinzenal de propaganda com o título *A Luz da Verdade*.

Que seja muito bemvindo por todos são os nossos votos.

PETROPOlis. — Ao digno agente da Sociedade Bíblica Britanica, Rev. Frank Uttley, a congregação ingleza de Petropolis offereceu um relogio de ouro, como reconhecimento pelos serviços que graciosamente lhe tem prestado.

SALVA A TEMPO. — A filhinha do Sr. Capitão Barros Junior escapou de ser vítima de um terrivel desastre. O cortinado do berço onde a pequenina Dorka estava dormindo incendiou se, ardendo não só o cortinado como o travesseiro. Graças a Deus, a pequenina foi salva a tempo.

Por este motivo os seus dignos paes dão muitas graças ao Senhor.

CONFERENCIA ANNUAL. — Realizou-se na cidade de Juiz de Fóra, a 17^a conferencia annual da Missão Brazileira Methodista nos dias 24-28 do corrente.

Como resultado desta conferencia foram transferidos para esta cidade: da Igreja de Petropolis para a de Villa Isabel o Rev. Guilherme da Costa; da de Bello Horizonte para gerente da Casa Publicadora, o Rev. João E. Tavares; da de S. Paulo para a do Cattete e Jardim Botânico o Rev. Jovelino M. Camargo.

Foram removidos desta capital: o Rev. José da Costa Reis, para presbytero presidente do Districto de S. Paulo; o Rev. Leonel Lopes para a Igreja de S. Paulo; Rev. Hyppolito Campos para a de Bello Horizonte.

Felicitando os nossos irmãos sentimos não poder dar uma noticia mais extensa.

«CONSOLO CELESTE.» — Publicamos em outra parte deste numero uma poesia do nosso estimado irmão Alferes Luiz Ferreira Sobrinho com o titulo acima, e aproveitamos esta occasião para darmos os nossos pezames ao nosso digno irmão pelo fallecimento de sua extremada esposa.

REV. JOHN W. PRICE. — Deu-nos a honra de sua visita o nosso prezado amigo, Rev. John W. Price, missionario methodista em Santa Maria da Bocca do Monte, Rio Grande do Sul.

O Rev. Price partiu no *Itaperuna* em companhia do Rev. M. Dickie, presbytero presidente do districto.

HELP FOR BRAZIL. — Dentro de poucas semanas estará entre nós o superintendente desta missão acompanhado de um novo missionário.

Damos-lhes as boas vindas.

NOVA CASA DE ORAÇÃO.—E' provável que durante o mês de Agosto sejam iniciadas as obras da Nova Casa de Oração da Igreja Evangelica Nictheroyense, à rua da Praia.

As plantas já foram aprovadas e os constructores escolhidos.

Parabéns aos irmãos nictheroyenses.

NOVA CASA DE ORAÇÃO EM PORTUGAL.—No dia 15 do p. p. foi inaugurada a casa de oração em Abrantes. Estiveram presentes ao acto, o Sr. Pedro de Castro da Silveira, ao Sr. Lemos, de Portalegre, o Sr. Raul Gonçalves, do Porto e varios outros crentes de diversos logares entre elles o commandante boer Mostart, sua senhoras, e mais nove de seus commandados.

Esta casa foi preparada pelo Sr. Carvalho, com ajuda de alguns amigos, e tem capacidade para 300 pessoas. A hora marcada para a inauguração, 4 da tarde, a casa estava cheia estando algumas pessoas em pé, reinando maior silêncio, ordem e respeito.

Principiou o serviço com o hymno 329 a oração e a leitura do capítulo III de S. João e 1^a Epistola do mesmo apostolo, seguindo se um breve discurso pelo irmão M. S. Carvalho. Em seguida fallou o Sr. Pedro de Castro da Silveira, depois o Sr. A. C. P. Mostart. do Transvaal, servindo de intérprete o incansável irmão H. M. Wright o qual expôz os bons e verdadeiros sentimentos christãos dos Boers, de ambos os sexos que alli estavam representados pelo seus commandantes.

Em seguida fallou o Sr. J. M. Lemos e depois o Sr. Raul Gonçalves. Durante o serviço cantaram os hymnos 138, 147 e 157, os quais foram distintamente cantados, pelos Portuguezes. e pelos boers.

Concluiu-se o serviço com saudações das diferentes igrejas alli representadas, e oração pelo Sr. Wright. O irmão Raul Gonçalves ficou encarregado de dirigir o culto aos domingos, e uma classe bíblica visto ter-se mudado para. Abrantes assim como a Sra. D. Amelia Roza Marques Feliz de dirigir uma classe para senhoras.

Consta que o commandante boer sabendo que se ia inaugurar a casa de oração em

Abrantes, pediu para lá ir dar o seu testemunho de crente evangelico e do poder de Deus aos seus vizinhos, antes de partir para a África sua pátria.

Toda a honra e gloria seja dada ao Senhor que permite, que o seu glorioso Evangelho se vá estendendo em Portugal.

A PROVIDÊNCIA DE DEUS.— O Comandante boer o Sr. H. P. Mostert foi ao Porto, para dar o seu testemunho de Jesus; fallou alguma cousa a grandes ajuntamentos, que foram muito interessantes, pois entre muitas coisas maravilhosas que Deus tem feito entre os boers que estavam prisioneiros em Peniche, disse que de uns 350 que lá estavam aquartelados, mais de 200 foram alli convertidos ou revivificados e que por todos os lados se encontraram grupos entre as rochas orando e louvando ao Senhor.

E' possível que, se não tivessem sido obrigados a sair da sua terra por causa da guerra não teriam tido oportunidade de se voltarem para o Senhor Deos. Bem dito louvado seja o Senhor que ainda por meio das maiores tribulações está sempre prompto a ouvir e aceitar aquelles que o procuram do coração, pois não ha maior felicidade nesta vida que ter a salvação e paz com Deos, e o privilégio de ser considerado seu filho pela fé herdeiro da patria celeste como acharam aquelles boers em Peniche oxalá que a resolução delles sirva de exemplo a todos.

H. M. WRIGHT.—Este irmão abençoado e incansável em dar testemunho de Jesus e ajudar os crentes na obra de Evangelização, ultimamente, esteve em Lisboa, Setúbal, Abrantes, Portalegre e Figueira da Foz tendo em todos os lugares grandes ajuntamentos.

«Formosos são os pés daquelles que anunciam a paz.»

Que o Senhor dirija os passos e as palavras deste seu fiel servo de maneira que muitas almas por meio delle venham ao conhecimento da grande Salvação em Portugal, é o desejo d'O Christão.

PERSEGUICÃO EM BUARCOS.— A grande perseguição que o irmão M. S. Carvalho sofreu em Buarcos está se tornando em bênção para muitas almas. O caso da perseguição e pregação tem-se espalhado muito por aquellas terras até Coimbra, e muitas pessoas por essa causa estão tendo interesse e indagando as cousas de Deus.

A POBREZA DO PAPA LEÃO XII.
—O «Lady's Realm», de Abril, relata alguma cousa de inedito particularmente ácerca dos magnificos presentes que lhe foram offeridos por occasião do seu recente Jubileu, cujo valor está calculado em uma somma não inferior a *dous milhões esterlinos* pelo menos !

Entre as magnificas joias que constituem a parte mais valiosa dessas dadiwas figuravam 28 tiaras, 319 baculos cravejados de diamantes e outras pedras preciosas, 1200 calices de ouro e de prata, 81 anneis, dos quaes um apresenta a curiosa particularidade de haver sido offerecido ao chefe da christandade pelo chefe do islamismo, o abjecto Sultão turco, que nesse empregou o melhor de 20.000 libras esterlinas, maculadas de sangue armenio e christão. Citemos ainda sete estatuas de ouro e de prata e o maior diamante do mundo, avaliado em 800.000 libras e que foi offerecido ao Papa pelo ex-Presidente Kruger, —pelo menos assim o affirma o «Lady's Realm». Uma senhora americana presente ou Leão XIII com uma esplendida tabaqueira de immenso valor, contendo um cheque de Libr. 10.000, representando a sua contribuição pessoal para o dinheiro de S. Pedro, que já rendeu ao Papa actual para cima de quatro milhões esterlinos, depositados em parte no Banco de Inglaterra e em parte nos grandes estabelecimentos bancarios do continente.»

Eis o milionario substituto de Christo na terra !

RESULTADOS DA GUERRA.—Uma guerra entre duas nações é sempre um desastre, tanto para o vencido, como para o vencedor. A Inglaterra foi a vencedora na guerra sul africana ; e quanto lhe custou a victoria ?...

«Segundo uma estatistica publicada por um jornal inglez, houve 502 officiaes e... 5.114 homens mortos durante a guerra do Transvaal; 1.784 officiaes e 20.432 soldados feridos; 176 officiaes e 1.774 soldados mortos em consequencia dos ferimentos; 384 officiaes e 9.181 soldados prisioneiros. Isto é, um total de 2.670 officiaes e 34.726 soldados fóra de combate.

Os prisioneiros inglezes, tendo sido regularmente soltos pelos Boers, o total acima se acha sensivelmente reduzido. Em compensação, o algarismo das mortes cresceu, em virtude dos fallecimentos devidos a molestias ou a outras causas : 313 offi-

ciaes e 12.303 soldados morreram de molestias ; 5 officiaes e 97 soldados morreram presos ; 24 officiaes e 643 soldados succumbiram em consequencia de accidentes ; enfim, 7 officiaes e 478 soldados morreram depois do seu repatriamento, o que dá, com as perdas soffridas nos campos de batalha e os feridos mortos nos hospitaes, um total de 1.027 officiaes e 20.000 soldados, isto é, 21.536 mortos.

Quanto ás perdas em dinheiro que a guerra sul-africana terá custado ao The-souro britannico, avaliam-se em *cinco milhares e duzentos milhões*, algarismo oficial dos creditos pedidos á Camara.

Mas é difficil avaliar o numero de milhares que o commerce e a industria perderam durante essa guerra de 31 mezes.

Eis o preço da victoria ! Esses algarismos fallam mais eloquentemente que qualquer commentario, e calam profundamente no espirito.

Tudo, a Inglaterra poderá pagar no fim de muitos annos ; porém jamais pagará a vida dos 21.536 que por ella morreram !

Nem preencherá no lar luctuoso das pobres familias, a falta que esses 21.536 mortos ahi fazem !

E faltam ainda os mutilados, e os invalidos, e os aleijados por toda a vida !

Isto só do lado dos inglezes ; e do lado dos Boers, e que ainda ignoramos ?...

Talvez o dobro dos mortos... Sim ; a guerra é uma cousa monstruosa e terrivel ! Rogamos a Deus, que venha logo o seu reino, que é o reino da Paz, do Amor, e da Fraternidade universal.

E estes espectaculos de mutuos assassinatos, em massa —com o nome de guerra, deixarão entao de existir !...

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

A Peregrina ou a Viagem da Christã. —Da Sociedade de Tractados Religiosos, de Lisboa, acabamos de receber e agradecemos um exemplar desta importante obra, muito conhecida em toda a parte do mundo e complementar da que já há muitos annos temos em nossa lingua—O Peregrino. Dizendo que a traducao foi feita pelo nosso digno irmão Rev. Alfredo da Silva, do Porto, nada mais necessitamos dizer sobre a sua fidelidade.

O catholicismo romano e o christianismo puro.—Recebemos do Illm. Sr. Dr. Teixeira da Silva, esta obra de sua lavra, que acaba de sahir a lume e em outra parte damos uma apreciação do seu conteúdo.